

O RELATÓRIO STERN

Publicado no “Jornal de Letras”, edição de 8 de Novembro de 2006

PELA MÃO de Tony Blair, o tema das alterações climáticas voltou ao centro das atenções mundiais. Já em Julho de 2005, na Conferência do G8 de Londres, Blair tentara chamar a atenção para a centralidade desse dossiê planetário. Infelizmente, o ataque de terroristas suicidas, ocorrido na mesma altura, acabou por desviar as atenções. Desta vez é o relatório sobre o provável impacte económico das alterações climáticas, redigido por Nicholas Stern, que volta a recolocar o dedo na ferida.

Há pelo menos duas maneiras de ler o Relatório e o seu anúncio. Uma política e conjuntural. Outra de substância e estrutural.

POLITICAMENTE, ESTE Relatório significa a ruptura definitiva de Blair com Bush. A aliança que tornou possível a ignomínia do Iraque, partiu-se para sempre. Blair não poderia ser mais claro: não só transporta as alterações climáticas, cuja importância é negada pelos “cientistas” de Bush, como nomeia como Conselheiro Especial do Governo britânico, o arqui-inimigo de Bush, Al Gore, ex-Vice-Presidente dos EUA, e autor do livro e do filme *Uma Verdade Inconveniente* (ver tradução portuguesa da Esfera do Caos).

Por outro lado, Blair mostra querer ficar para a história como o político que colocou o ambiente e o clima no centro das políticas públicas da Grã-Bretanha e da União Europeia, atenuando os custos do seu envolvimento nas brincadeiras sangrentas do texano da Casa Branca.

A LEITURA de substância e estrutural, por outro lado, significa que o tema das alterações climáticas é um sério candidato a tornar-se no título dos capítulos de história universal dos livros que o futuro dedicará ao nosso tempo.

As alterações climáticas constituem o foco central do conjunto de características e sintomas da crise global do ambiente, da perda da biodiversidade, à segurança alimentar, passando pelos movimentos migratórios causados pela degradação ecológica de regiões e países inteiros.

O combate às alterações climáticas pode ser travado com temor e timidez ou, pelo contrário, como um desafio que pede o melhor da nossa criatividade, engenho, capacidade de entendimento, e cooperação estratégica. O que está em jogo é tão importante que a própria posição relativa dos países corre o risco de ser profundamente alterada. Será bom que ninguém o esqueça nos desenhos das prioridades estratégicas para o futuro.

Viriato Soromenho-Marques